

1

Introdução

Nos últimos anos, inúmeros pesquisadores têm se dedicado a compreender, explorar e aprofundar os estudos do pensador russo Mikhael Bakhtin no que diz respeito à dimensão dialógica e polifônica da linguagem. Estes estudos ressaltam a abordagem dialógica sustentada pela concepção sociointeracional da linguagem.

Para Bakhtin, todo discurso humano é uma rede complexa de interrelações dialógicas com outros enunciados e a língua, portanto, reflete as relações dialógicas das diversas interações verbais. Nenhum discurso é exclusivo a um único sujeito-falante, uma vez que outras vozes que antecederam aquela atividade discursiva estão presentes na palavra do locutor.

“Voz” foi o termo escolhido por Bakhtin para referir-se à consciência falante presente nos enunciados. Por meio do estudo das “vozes”, é possível ver ou entrever as diferentes consciências falantes ou vozes presentes em um determinado discurso. Por meio desse conceito, é também possível compreender a intertextualidade dos discursos e os diferentes graus de alteridade que estes apresentam (cf. capítulo 2).

Nessa perspectiva, o discurso pedagógico praticado no contexto escolar é marcado por diferentes vozes oriundas de diferentes participantes discursivos. Tal discurso é marcado por uma pluralidade de vozes nem sempre simétricas. Ele é uma teia dialógica constituída de muitas vozes que se completam, se contradizem, se aproximam, se distanciam, se reiteram, com posicionamentos ideológicos e concepções de linguagem e ensino semelhantes ou contraditórias. Em suma, o discurso pedagógico é construído e influenciado pelos diferentes discursos dos sujeitos participantes do ato educativo e pelo diálogo com outros discursos de diversas áreas do conhecimento.

Tendo em vista as considerações acima, esta pesquisa foi elaborada com o objetivo de desenvolver um estudo voltado para as vozes envolvidas no processo de ensino-aprendizagem da gramática da língua portuguesa, de forma a perceber como essas vozes participam do mesmo universo discursivo. Em outras palavras, pretendemos investigar as várias vozes discursivas presentes no contexto escolar e

analisar de que maneira o enunciado de um participante discursivo reflete o enunciado de outro, dando ênfase aos aspectos em que as vozes envolvidas ecoam simultaneamente. Outro objetivo desta pesquisa é, através da análise das diferentes vozes, identificar posicionamentos pedagógicos veiculados pelos discursos envolvidos no processo de ensino de gramática, tal como ele vem sendo ministrado em nossas escolas, em interface com as demais vertentes do ensino de língua portuguesa, a saber, leitura e produção de textos.

O interesse em realizar este estudo acerca das vozes discursivas que participam do ensino de gramática da língua portuguesa deve-se à constatação de que, apesar das contribuições da Lingüística e da Lingüística Aplicada, a gramática normativa continua tendo muita relevância no ensino de língua materna, ou seja, a marca prescritivista ainda é predominante. Conseqüentemente, os alunos têm cada vez mais aversão à língua, da qual são falantes nativos e ativos, contribuindo para solidificar o mito de que ‘português é muito difícil’.

A escola, como espaço social de construção/produção de conhecimentos, deveria ter como objetivo fundamental contribuir para a formação de sujeitos questionadores, críticos, reflexivos e investigadores. E, para isso, seria seu papel, quanto ao ensino de língua materna, garantir ao aluno a ampliação de seu repertório lingüístico e o desenvolvimento de sua competência discursiva. No entanto, a confusão que se faz entre ensino de língua e ensino de gramática é um fato incontestável que muitas vezes impede que tais objetivos sejam atingidos.

Os professores procuram justificar o estudo da gramática em sua prática pedagógica, afirmando que - mesmo incertos de sua utilidade- tal conteúdo faz parte do programa e é exigido em vestibulares e concursos. Outros argumentam que o conhecimento da metalinguagem gramatical e dos procedimentos de análise é necessário para o desenvolvimento da leitura e da escrita (Azeredo, 2000).

Simões (1999) afirma que, enquanto alunos e professores se dedicam a questões relacionadas à estrutura da língua, o ensino voltado para competências fica relegado a segundo plano. A ampliação da competência discursiva do aprendiz fica comprometida devido a uma prática gramaticalista que ignora o processo evolutivo da língua, as diferenças entre as modalidades oral e escrita, as variedades lingüísticas e a

possibilidade de um mesmo falante utilizar mais de uma variedade de acordo com a situação comunicativa. “As aulas de língua portuguesa seguem um percurso de *classifique, enumere, cite, analise, etc*, sem que a interação verbal oral ou escrita tenha oportunidade de acontecer de modo efetivo” (Simões, 1999:113). Como bem observou Brito (2000), a prática de identificação de fragmentos lingüísticos é resultado da concepção de gramática como um manual de regras e de uma concepção prescritiva de ensino: treinar os alunos para que sigam os preceitos de “bom” uso da língua.

A discussão em torno do ensino da gramática não é recente, embora continue atual. Têm-se modificado os discursos, mas a prática continua a mesma. A finalidade do estudo de gramática, nos dias atuais é, geralmente, cópia fiel do objetivo que norteou o estudo da gramática tradicional na Grécia Clássica – disciplinar o uso da língua, por meio da valorização de apenas uma de suas variedades, no caso, a modalidade escrita padrão dos escritores consagrados.

Tanto as gramáticas antigas do Português como as mais recentes não se libertaram da idéia de ser a gramática um instrumento de bem falar e escrever. Tal crença é, indubitavelmente, uma das grandes fragilidades do ensino de gramática. Como bem observou Perini (2001), “as pessoas que escrevem bem nem sempre sabem gramática. (...) Saber gramática não é garantia de escrever bem.”

A língua, como um elemento imprescindível na formação da cidadania, não pode ser ensinada como um produto pronto e fechado em si mesmo. Ao priorizar apenas uma variedade lingüística, a escola está reiterando preconceitos e discriminações sociais. Recuperar a fala dos indivíduos, sua capacidade de expressão, é condição primeira para o processo ensino-aprendizagem ser bem-sucedido (Louzada in Murrie, 2001).

Conforme salientou Bakhtin, “a língua não se transmite; ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal” (Bakhtin, 1981:108). A essência de todo o pensamento lingüístico de Bakhtin está em perceber a língua não como um mero sistema, mas como uma atividade de interação

comunicativa que, por sua vez, reflete as relações dialógicas e polifônicas das atividades discursivas.

Com esta pesquisa sobre linguagem e ensino, que se insere na área de estudos da Linguística Aplicada, procuro aprofundar a discussão sobre a dimensão dialógica e polifônica das atividades discursivas no contexto escolar; contribuir para a descrição e análise das diferentes percepções quanto ao ensino de gramática da língua portuguesa; identificar as contribuições das novas teorias linguísticas que foram incorporadas ao ensino de língua materna; verificar como as concepções de língua, gramática e ensino de língua direcionam o fazer pedagógico.

Este estudo baseia-se, portanto, nas noções de dialogismo, polifonia e vozes de Bakhtin (1981, 2000) e nas contribuições de estudos a respeito do ensino de língua portuguesa de Bagno (1999, 2002), Geraldi (1987, 1996, 2002), Perini (2001), Possenti (1996, 2002), dentre outros, as quais dão-me suporte para, através da análise dos dados, responder as seguintes indagações:

- a) Quais as vozes discursivas envolvidas no ensino de gramática da língua portuguesa no contexto escolar? (Neste estudo, diferenciamos as vozes que compõem o discurso pedagógico quanto ao ensino de gramática apenas para efeito de análise, uma vez que estamos cientes do caráter dialógico e polifônico das práticas discursivas).
- b) Como os participantes do contexto escolar percebem o ensino de gramática e sua relação com outras vertentes do ensino de língua portuguesa?
- c) Como as vozes discursivas dos diferentes participantes deste contexto reproduzem, ecoam ou contradizem umas às outras?
- d) Quais os posicionamentos ideológicos veiculados pelas diferentes vozes discursivas quanto ao ensino de gramática da língua portuguesa?

Para desenvolver esta pesquisa, foi coletado um *corpus* de dados do discurso oral, tendo sido gravadas e transcritas 52 entrevistas com professoras, alunos e mães de alunos de 5^a a 8^a série de duas instituições escolares, uma particular e outra municipal, representadas na pesquisa por sua coordenadora e vice-diretora

respectivamente. O texto dos PCNs para a língua portuguesa foi anexado ao corpus coletado para esta pesquisa, representando a voz do sistema educacional.

Para desenvolver este estudo, dividi o trabalho em oito capítulos. No segundo capítulo, apresento algumas idéias teóricas a partir dos estudos de Bakhtin, cujos pressupostos embasam a abordagem de língua adotada nesta pesquisa, bem como a análise dos diferentes discursos. Tais pressupostos referem-se à concepção de língua como um fenômeno social, histórico e ideológico; aos conceitos de dialogismo e vozes discursivas, e às contribuições do pensador russo para o processo educativo.

No terceiro capítulo, apresento os diferentes conceitos do termo ‘gramática’; faço uma viagem no tempo, uma volta à Grécia Clássica, com o intuito de acompanhar o nascimento da gramática no mundo ocidental; realizo uma explanação a respeito da gramática tradicional e, finalmente, abordo suas limitações face a críticas de novas teorias lingüísticas.

No quarto capítulo, procuro dar uma visão geral do ensino de gramática, tal como ele tem sido contemplado nas aulas de língua portuguesa e apresento as contribuições de vários estudiosos a respeito dos conceitos de letramento e de competência para o ensino de língua.

No quinto capítulo, os aspectos metodológicos da pesquisa são apresentados, ressaltando-se a experiência etnográfica da pesquisadora, a descrição do *corpus* de dados, dos participantes e do contexto de pesquisa, e os procedimentos de análise.

No sexto capítulo, faço o confronto das vozes envolvidas no ensino de gramática, a partir de cinco grandes temas, a saber: o ensino de gramática, as finalidades desse ensino, conteúdos, modos de ensinar e aprender e variedades lingüísticas. Em cada um destes temas, apresento a voz e o posicionamento de cada participante discursivo para, finalmente, destacar os pontos em que tais vozes refletem-se mutuamente. Neste capítulo da dissertação, são também identificadas as concepções de cada participante em relação ao ensino de gramática da língua portuguesa, por meio de um confronto discursivo entre as diferentes vozes envolvidas.

No sétimo capítulo, sugiro uma nova maneira de se pensar o estudo da gramática no ensino do português como língua materna.

No oitavo e último capítulo, apresento reflexões e conclusões sobre o ensino de gramática no contexto escolar e resalto as contribuições da pesquisa para todos aqueles que estão comprometidos com o ensino de língua portuguesa voltado para o desenvolvimento da competência discursiva dos aprendizes.

